

Realidade prisional feminina: problemas enfrentados pelas detentas e possibilidades de reinserção social

Eloína Ariana Ribeiro Damasceno Silva¹
Maria Iracema de Sousa Araújo¹
Thalita Silva de Castro¹
Yramaiane Tomaz da Silva¹
Júnnia Maria Moreira²

¹ Graduandas em Psicologia na Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mails: eloína_ariana@msn.com; miracema-sousa@hotmail.com; thalita_scastro@hotmail.com; yramaianetomaz@hotmail.com.

² Mestre em Psicologia. Professora do Colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: junnia.moreira@gmail.com.

RESUMO

A detenção feminina acontece principalmente em função do tráfico de drogas. Considerando a crescente população carcerária no Brasil, a ineficácia do sistema e a insuficiência de estudos na área, o presente trabalho buscou investigar os problemas enfrentados pela população carcerária feminina em uma colônia penitenciária do interior de Pernambuco, além de proporcionar uma reflexão sobre o tráfico de drogas e suas consequências para a vida do comercializador e do usuário. Foram realizados dois encontros com atividades interativas como dinâmicas, entrevista semiestruturada e apresentação de vídeos sobre a questão do tráfico. Os relatos das detentas foram agrupados em: Cotidiano prisional; Maternidade e relações familiares; Vivências amorosas; Expectativas para o futuro; e A vida do usuário de drogas. A intervenção possibilitou às detentas a expressão e reflexão sobre aspectos prejudiciais acerca do tráfico de drogas, além do levantamento de novas alternativas para geração de renda.

Palavras-chave: Penitenciária Feminina; Tráfico de Drogas; Realidade Prisional.

Female prison reality: facing inmates' problems and possibilities of social reinsertion

ABSTRACT

The female detention happens mainly due to the drug trade. Considering the growing prison population in Brazil, the system inefficiency and the shortage of previous studies, this work investigates the problems faced by female inmates in a prison in the interior of Pernambuco, in addition to providing a reflection on drug trafficking and its consequences for the supplier and the user. Two encounters were performed including interactive activities as group dynamic experiences, semi-structured interviews and video presentations on the issue of trafficking. The inmates' reports were grouped into: Everyday prison; Motherhood and family relationships; Love experiences; Expectations for the future; and The life of a drug user. The intervention allowed the inmates expression and reflection about harmful aspects of drug trafficking and the emergence of new alternatives for income generation.

Keywords: Female Prison; Drug Trade; Prison Reality.

INTRODUÇÃO

Não é estranha a ninguém a lamentável situação assistencial ao sistema penitenciário. Para Taborde e Bins (2008), o sistema carcerário brasileiro padece na perspectiva dos direitos humanos e do direito de atenção a saúde, pois faltam recursos materiais e humanos para atendimento das necessidades de saúde. As péssimas condições do sistema penitenciário, como superlotação, insalubridade e controle da massa por facções rivais têm propiciado o aparecimento de novas doenças físicas e mentais, as quais contam com formas ineficientes de atenção.

Outro ponto a ser ressaltado em relação à carceragem feminina segundo Soares e Ilgenfritz (2002 apud GUEDES, 2006) é que a privação da liberdade e os abusos que ocorrem em seu interior infringidos à mulher parecem mais uma continuação de um círculo de violência vivido pela mulher. Essa violência inicia-se na família, adentra as instituições para crianças e adolescentes e é perpetuada no casamento e em toda a sociedade.

Para Guedes (2006), não se pode deixar de enfatizar o papel desempenhado pela mídia na construção do imaginário social acerca da temática o que ocasiona muitas vezes em uma construção preconceituosa e estigmatizante desse cenário. Cria-se no imaginário social uma articulação entre a noção de direitos humanos e privilégios de bandidos, evidenciada pelo posicionamento da população contra a viabilização de assistência e cuidado para essa parcela da população.

A relevância desta intervenção reside na possibilidade de empreender uma compreensão sobre a vida de mulheres encarceradas por envolvimento com o tráfico de drogas, já que segundo Souza (2009), esse tipo de crime tem sido o responsável pelo crescimento de mulheres na marginalidade, galgando cada vez mais posições de destaque no cenário de criminalidade.

Portanto, o presente trabalho buscou, através de encontros com a psicóloga da instituição e com as detentas, trazer elucidacões acerca do dia a dia dessas pessoas, muitas vezes aparentemente tão distantes dos cidadãos comuns que acreditam estar imunes a certas situações.

As intervenções realizadas tiveram como objetivo geral proporcionar uma reflexão sobre a realidade prisional e o tráfico de drogas com suas consequências na vida do comercializador e do usuário. Os objetivos específicos foram: (1) conhecer os problemas enfrentados pelas detentas em seu cotidiano; (2) verificar como as presidiárias começaram o tráfico de drogas e quais funções desempenharam; (3) analisar as consequências do tráfico de drogas na vida social e também afetiva das presidiárias; (4) analisar as consequências do uso de drogas na vida social e afetiva dos usuários; e (5) reconhecer outras possibilidades de reinserção social.

MÉTODO

O presente trabalho surgiu a partir das atividades práticas da disciplina de Fundamentos de Psicologia da Saúde, oferecida no sétimo semestre do curso de Psico-

logia da UNIVASE. A intervenção aconteceu em dois momentos, respectivamente nos dias 07 e 24/02/14, após serem realizados dois encontros com a psicóloga da instituição, o que possibilitou uma aproximação com o contexto carcerário feminino da unidade e forneceu os subsídios para o planejamento e desenvolvimento da intervenção.

A demanda para atuação surgiu a partir dos encontros com a psicóloga que apontou a relevância em se trabalhar sobre a questão do tráfico de drogas, já que atualmente, das 70 aprisionadas, aproximadamente 86% tiveram suas prisões relacionadas ao assunto. A partir dessas orientações, foi construído um roteiro de intervenção.

A Unidade na qual foi realizado o presente trabalho atualmente conta com 01 diretor, 01 supervisora, 01 psicóloga, 01 assistente social, 08 professores, 70 detentas. Dentre as detentas, 15 estão em regime semiaberto, ou seja, passam o dia em trabalho obrigatório e à noite voltam para dormir, e 10 em regime domiciliar, ou seja, comparecem à penitenciária uma vez por mês até cumprir a sentença. Também residem na Unidade 04 crianças filhas de detentas. A faixa etária das detentas situa-se entre 22 e 40 anos. Quanto ao grau de escolaridade, 64 detentas possuem o ensino fundamental incompleto, 05 detentas possuem o ensino médio completo e 01 detenta possui superior completo.

A psicóloga da Unidade desempenha, segundo seu relato, várias atividades, tais como: triagens iniciais; articulação com a família, com o conselho tutelar, com o CRAS e CREAS; visita domiciliar; intermediação de palestras e cursos profissionalizantes. De acordo com ela, às vezes, desempenha o papel de sexóloga e ultimamente começou a desenvolver um trabalho preventivo dentro da carceragem. A psicóloga se diz apaixonada pelo que faz e sente-se útil, mesmo diante das limitações que o próprio sistema carcerário impõe.

As presas ao adentrarem a penitenciária passam pela triagem, na qual é feito um levantamento de informações sobre a família, ocupações, rendimentos, se provedora de recursos financeiros a outrem, entre outras. Elas gozam da concessão de um salário mínimo quando trabalham na instituição, mas só recebem a metade desse valor, ficando a outra parte depositada (pecúlio) e a ser recebida na saída da prisão. A situação da penitenciária não é retratada pelos que a compõem como sendo das piores, pois o número de detentas por cela não é considerado exorbitante, elas têm uma boa alimentação e outros benefícios. A penitenciária dispõe de um berçário onde as crianças filhas das presas ficam por seis meses, porém, na prática, muitas presas que têm dinheiro ficam com seus filhos por mais tempo do que o que determina a lei. As crianças convivem com todos, inclusive recebem atenção e mimos da equipe que compõe a Unidade.

Participantes

Considerando que das 70 mulheres sentenciadas, apenas 45 delas se encontram em regime interno, estando disponível para participação, contabilizou-se nas duas atividades uma aderência de aproximadamente 78%, sendo importante salientar que a rotatividade foi frequente porque elas tinham a liberdade de participar ou declinar.

Ambiente

A intervenção aconteceu em uma sala dentro da penitenciária, destinada para realização de aulas de alfabetização.

Material

Os materiais utilizados para a intervenção foram 30 folhas com desenhos que abordassem atividades do dia-a-dia, giz de cera, balões coloridos, papéis, caneta, televisão, aparelho de DVD, computador, caixa de som, mídia de DVD e pen-drive.

Procedimentos

No primeiro dia o grupo foi reunido em uma sala da instituição e as atividades foram iniciadas com a apresentação das estagiárias, que esclareceram os objetivos da intervenção, com garantia de anonimato e sigilo. Nesse primeiro dia havia uma necessidade de se aproximar das detentas, conhecendo um pouco das vivências e particularidades do sistema prisional, dando abertura para se expressarem. Para isso, foi realizada a dinâmica “Cores da Vida” (Apêndice 1) que permitiu que as presas identificassem as atividades que mais gostam de fazer. Ao final, foi feita uma reflexão sobre quais as atividades estão impedidas de realizar devido à privação de liberdade.

No segundo dia, que aconteceu 17 dias após o primeiro encontro, novamente foram apresentados os objetivos da intervenção e a intenção em discutir sobre a temática das drogas e suas implicações na vida do traficante e do usuário, visto que ela é cada vez mais frequente na vida ou na família de todos os cidadãos. Outra vez, foi feito o contrato de sigilo e anonimato e como aquecimento utilizou-se a dinâmica “Vida” (Apêndice 2) que veio com a proposta de possibilitar às detentas falarem um pouco de si. Após a realização da dinâmica, foram apresentados os vídeos: Mulheres no comando do tráfico; Mulheres no tráfico; e Mãe desesperada acorrenta filho usuário de drogas na zona norte. Nos intervalos dos vídeos, foram feitas várias perguntas contidas na entrevista semiestruturada (Apêndice 3), como tentativa de identificar as similaridades entre os conteúdos dos vídeos e a vida delas e as implicações que o vício proporciona ao contexto familiar, além de identificar os diferentes pontos de vista em relação ao tema abordado. No final desse encontro, houve um encerramento com lanche e em seguida foi feita uma avaliação dos dois encontros, procurando levantar os pontos negativos e positivos e as reflexões proporcionadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados os relatos das detentas ao longo da intervenção. Comparando-se o primeiro com o segundo encontro, observou-se que a adesão das presas foi maior no segundo encontro, porém não houve registro da frequência para afirmações mais categóricas.

Ao analisar os relatos, foi percebido que o tráfico de drogas traz implicações que envolvem todas as esferas da vida – a adaptação a um novo ambiente, agora prisional; a maternidade e suas relações familiares; as vivências amorosas; e outras perspectivas

de futuro. Já quanto ao uso de drogas, embora algumas assumam, foi observado que durante a intervenção elas tiveram a oportunidade de visualizar de um outro ponto de vista as pessoas e famílias que sofrem com o consumo desenfreado de drogas. Algumas participantes inclusive mostraram-se a favor de medidas que afastem o usuário do contato com as drogas.

Os resultados foram agrupados em: (1) Cotidiano prisional; (2) Maternidade e relações familiares; (3) Vivências amorosas; (4) Expectativas para o futuro; (5) A vida do usuário de drogas: repensando o outro lado. Cada uma dessas categorias serão analisadas e descritas abaixo.

Cotidiano prisional

O cotidiano prisional apresenta uma característica peculiar referente ao “isolamento do mundo”, o que faz com que as participantes desenvolvam estratégias de enfrentamento para essa nova realidade. Observou-se que, dentre essas estratégias encontram-se tentativas de não perder totalmente o elo com o mundo lá fora, para isso procuram trazer para seu cotidiano o que tinham antes da carceragem, tanto em termos de atividades de rotina quanto de objetos. Elas fazem a limpeza do ambiente e cuidam de suas celas criando uma identidade própria, colando fotografias e cartazes nas paredes e dispondo outros pertences pelo ambiente. Elas cuidam do corpo e da própria aparência, fazendo ginástica, cuidando dos cabelos e das unhas, participam do grupo escolar, enfim, tentam se adaptar e adaptar o ambiente quando dizem que “aqui é igual sutiã, tem que entrar de peito e tentar se adaptar, porque senão fica pior”.

Guedes (2006) e Lima et al. (2013) em pesquisa em uma penitenciária também encontraram resultados semelhantes em relação às estratégias de enfrentamento, apontando como estratégias a limpeza do ambiente, o cuidado de si e da cela, participação em grupo escolar e religioso. A aproximação desse espaço com a antiga realidade parece tornar mais fácil suportar o encarceramento.

As falas das presas mostram o quanto o contato extramuros é importante: “Como não podemos ir lá fora é muito bom quando vocês trazem o mundo até nós”; “Gostamos muito quando vocês vêm até aqui”. A esse respeito, Guedes (2006, p. 566) afirma que “o atendimento psicológico passou a ser um espaço valorizado pelas mulheres em que ocorre um espaço de reflexão e visibilidade social”.

Maternidade e relações familiares

A maioria das detentas relatou que passaram a dar mais importância à família depois de estarem presas. Uma das participantes falou que o domingo, dia da visita, era o dia mais feliz para ela e que seu filho só comia chocolate uma vez no mês, quando vem visitá-la; outra disse que “o que mais doía era saber que seu pai estava doente e não podia cuidar dele”. Nos relatos, é frequente a ênfase na importância da família e a falta que os familiares fazem. Guedes (2006) em seus achados ressalta a importância dada à família depois da prisão, bem como a preocupação com o bem-estar e a saúde da família. A autora enfatiza também que o contato com a família acontece nos momentos de visita e que nem sempre os familiares vão visitá-las por sentirem-se constrangi-

dos com a revista ou pela tristeza de ter um familiar preso, questões que corroboram com achados desta intervenção.

Outro fator importante é que algumas detentas tornaram-se mães dentro da prisão, fato que as preocupa, pois sabem que as crianças só vão ficar com elas durante um período de seis meses. Medeiros (2010) enfatiza esse fato, quando diz que aos 6 meses mãe e filho serão separados não só pelo cárcere e pela distância, mas também pela falta de políticas que possam fortalecer o vínculo entre mãe e filho. Depois desse período, existe a possibilidade de um familiar assumir a criança, e, em último caso, de serem encaminhadas para adoção. No caso de adoção, é grande a probabilidade de não encontrarem mais o filho, dissipando qualquer laço construído nesse percurso de seis meses.

Vivências amorosas

Muitas presas têm seus delitos atrelados ao companheiro que também é presidiário, principalmente as que foram detidas por envolvimento com o tráfico de drogas. É comum o relato de que, após a prisão dos companheiros, elas assumiram o “negócio”, o que desencadeou em suas prisões.

Ainda quanto aos relacionamentos amorosos, a visita íntima acontece em forma de rodízio, despertando uma preocupação maior com o cuidado da beleza entre as detentas. Aquelas que vão naquela semana visitar os companheiros passam por um processo de transformação estética: pintam e escovam cabelos; fazem unhas e depilação. Existe uma necessidade de agradar o companheiro, que segundo Guedes (2006) representa relações importantes no enfrentamento da condição prisional, pois incluem a troca de cuidados e proteção.

Expectativas de futuro

Muitas detentas durante o período na prisão começam a refletir sobre o que as motivou a cometer seus crimes e como será quando estiverem em liberdade. Uma detenta fez alusão ao que podem extrair durante esse tempo reclusa dizendo: “aqui é igual ao Big Brother, só que no Big Brother eles ficam presos para ganhar um dinheiro e aqui a gente fica para aprender a arte de viver”. Nos relatos foram mencionados sentimentos como medo e ansiedade, bem como as expectativas ao saírem dali. Segundo as detentas, existe o estigma de que são todas bandidas e ainda completam: “quem vai dar emprego para uma ex-presidiária?” Outra participante falou que tem muitas esperanças de que quando sair a aceitação seja melhor, pois já visualizam avanços. Guedes (2006, p. 566) apresenta dados que condizem também com essa realidade: “Os projetos futuros apresentam um composto de medo, ansiedade e expectativa [...] que terão dificuldades em encontrar um trabalho por estarem com a ‘ficha suja’ ou ‘marcada’ devido ao estigma de ex-presidiárias”.

As participantes relataram pretender recomeçar a vida, primeiro tentando recuperar o espaço perdido dentro da família. Muitas disseram que irão morar com os pais, reconquistar os filhos que já as veem como estranhas, estudar e se afastar do mundo das drogas. Guedes (2006) apontou resultados semelhantes ao afirmar que “geralmen-

te, as detentas desejam recomeçar a vida e (re)iniciar atividades como cuidar dos filhos, estudar, afastar-se do mundo das drogas e trabalhar”. Sobre esse ponto, Medeiros (2010) complementa que “aquelas que não têm esse apoio estarão mais vulneráveis à reincidência, pois com a perda do vínculo familiar perdem a proteção social primária e aumenta-se a probabilidade de retorno ao crime”.

Repensando o outro lado

Ao assistirem ao vídeo que retrata o sofrimento da mãe que mantém um filho acorrentado devido ao fato de este ser usuário de drogas e estar ameaçado de morte, novas reflexões foram suscitadas. Algumas delas comentaram que ali, na condição de presas, elas têm a oportunidade de pensar em questões que lá fora nunca estiveram dispostas. Uma das detentas nesse momento contou as dificuldades que enfrentou com um filho usuário de drogas, dizendo que “uma mãe é capaz de tudo para proteger um filho”, mostrando-se a favor da personagem do vídeo que em uma atitude de medo e desespero vê naquela ação a única saída.

Consideramos importante esse momento, pois permitiu repensar o outro lado, encoberto pelos interesses pessoais no tráfico: e se o usuário fosse você? E se quem comprasse a droga fosse seu filho? Esse momento para pensar e falar sobre o assunto de outro ponto de vista proporcionou uma compreensão mais ampla do tráfico de drogas e suas implicações na sociedade.

CONSIDERAÇÕES

O contato com o universo prisional foi importante para a nossa formação como alunas de psicologia, pois a intervenção proporcionou a relação entre os conteúdos vistos na sala e a prática, possibilitando agregar novos conhecimentos à formação de psicólogo. O contato com as detentas foi imprescindível para esse aprendizado, bem como contar com o apoio da psicóloga, que norteou nossas atividades.

Uma detenta disse que elas “sentem o preconceito no olhar, que tem gente que acha que todas são bandidas, mas elas têm coração, elas sentem...”, a fala dela mostra o quanto é importante adentrar esses espaços sem preconceitos e receptivos às demandas que encontrar. Segundo Matumoto (1998 apud PAIVA e DIAS, 2011), é importante que os profissionais de saúde ofereçam acolhimento aos usuários do serviço, através de uma postura empática, escuta sensível e respeito às singularidades, dando-lhes abertura para expressarem suas problemáticas, e assim, planejar ações compatíveis com as reais necessidades da comunidade.

Para Crochik (1997) o estereótipo do criminoso como um indivíduo altamente perigoso, que não muda seu caráter duvidoso, ajuda na construção das características que o indivíduo saudável deve apresentar para saber como agir quando se defrontar com o mesmo, ao mesmo tempo em que evita a sua identificação com ele. Quanto mais cremos que somos menos parecidos com ele, mais protegidos nos sentiremos, e ao mesmo tempo evitaremos pensar que as condições sociais nas quais vivemos podem fortalecer e contribuir para que nós próprios, nas mesmas condições, cometêssemos os mesmos atos.

A partir dos resultados alcançados, observa-se a necessidade de viabilizar mais espaços de reflexão e discussão, tomando como base a promoção de saúde. Já que permitir que essas mulheres falem de suas angústias e medos, bem como de seus sonhos, é dispensar cuidado e atenção para com esse público que além da privação da liberdade ainda na maioria das vezes vive à mercê da violência institucional. Igualmente necessárias são iniciativas eficazes de reinserção social, o que não acontece sem a profissionalização dos ex-detentos.

De acordo com Pinheiro (2010) a violência institucional é perversa e atinge na maioria das vezes as pessoas com menor poder aquisitivo e exclusivamente aqueles que dependem dos serviços públicos, executados por funcionários “públicos”, da ação dos poderes instituídos. Há diversas formas de praticar esse tipo de violência, as mais comuns são a insuficiência de informações dadas aos usuários do serviço ou a ineficácia das providências adotadas que compelem o cidadão a fazer uma verdadeira peregrinação pelos serviços sem que consiga resolver sua questão.

Essas pessoas têm seus direitos violados por um sistema público altamente ineficiente. Conforme Guedes (2006) o descaso do Estado na efetivação de estratégias que previnam a manifestação da violência e que atuem como recuperação /ressocialização desses sujeitos em conflito com a lei só tendem a manter e a aumentar a desigualdade e a miséria, favorecendo conseqüentemente o ciclo violência/criminalidade/exclusão.

Diante dessa perspectiva de violação de direitos, pode-se perceber o retrato de violência, que não se caracteriza somente pela ordem física. De acordo com Souza (2004), essa violência se realiza também no plano das relações sociais, nas quais as ações humanas se dirigem contra o existir social. Submetendo alguns sujeitos a um processo de coisificação e assujeitamento por parte de outros, e assim é possível pensar em uma violência como expressão de intolerância e de exclusão política e social, como mecanismos para manutenção de privilégios sociais. Exclusão essa que se refere a qualquer processo que dificulte ou até mesmo impeça o acesso do sujeito à riqueza, tanto espiritual quanto material, produzida pelas sociedades no fluxo da história, caracterizando-se como um obstáculo ao exercício de cidadania.

Sawaia (2004) afirma que a exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões políticas, materiais, subjetivas e também relacionais, diz que, este é um processo sutil e dialético, vez que só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela, que envolve o homem por inteiro e suas relações sociais. Sendo assim, esta intervenção na Unidade trouxe inúmeras implicações no processo de valorização dos sujeitos, pois permitiu evidenciar a relevância de ouvir as explicações trazidas de ambas as partes, tanto para as presas, como para as estudantes.

Considerando que a instituição se mostrou aberta a intervenções posteriores, apontamos como importante a realização de outros momentos como este, oportunidades para as detentas falarem de seus anseios, expectativas e medos, trabalhando com outras demandas de saúde, ampliando o acesso à informação e fortalecendo o espaço para o diálogo. Como sugestão, salientamos que dinâmicas breves e vídeos curtos, por não exigirem atenção concentrada por longo período, são mais válidos e envolvem um maior número de participantes.

Acerca de sugestão para outras temáticas, percebemos que seria bastante interessante abordar a situação de mulheres que estiveram na mesma condição que elas de privação de liberdade e que, após o cumprimento da pena e retorno à vida em sociedade, conseguiram se reestabelecer e conquistar novos espaços, deixando a prática do crime. Acreditamos que ao verem que outras pessoas obtiveram sucesso longe do crime, as detentas poderão pensar em novas possibilidades de existência e de geração de renda, criando estratégias de enfrentamento aos possíveis obstáculos na vida lá fora, principalmente, relacionados ao retorno à prática criminosa. O aspecto relacionado à ampliação de fontes geradoras de renda é essencial para a reinserção social da ex-detenta. Essa afirmação é evidenciada no presente estudo pelo fato de que muitas detentas iniciam-se na criminalidade, mais especificamente, no tráfico de drogas, após a prisão de seus companheiros, a fim de dar continuidade à fonte de renda familiar.

A articulação entre as vivências dos encontros e a literatura concretizada nesta prática permitiu descrever particularidades inerentes à realidade institucional e à vida dessas mulheres, contribuindo com informações imprescindíveis para a compreensão do papel do psicólogo em instituições prisionais.

REFERÊNCIAS

CROCHIK, José L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. 2. ed. São Paulo: Robe, 1997.

GUEDES, M. A. Intervenções psicossociais no sistema carcerário feminino. **Psicologia ciência e profissão**, v. 26, n. 4, 558-569, 2006.

LIMA, G. M. B.; PEREIRA NETO, A. F.; AMARANTE, P. D. C.; DIAS, M. D.; FERREIRA FILHA, M. O. Mulheres no cárcere: significados e práticas cotidianas de enfrentamento com ênfase na resiliência. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 446-456, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n98/a08v37n98.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

MEDEIROS, L. L. de. Mulheres e cárcere: reflexões em torno das redes de proteção social. In: **Encontro Nacional de Historia Oral**, 10, 2010, Recife. Anais... [S.l.]: UFPel, 2010.

PAIVA, F. S.; DIAS, A. C. G. **Habilidades Sociais: investigando as percepções dos agentes comunitários de saúde**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://www.metodista.br/ev/psicologia-da-saude/anais-1/2011/comunicacao-oral/co27/CO27%20-%20TEXTO%20INTEGRAL%20-%20Habilidades%20Sociais.pdf>. Acessado em: 25/10/2013.

PINHEIRO, R. **A violência institucional: você é responsável por ela**. Disponível em: <<http://rossanapinheiro.blogspot.com.br/2010/08/violencia-institucional-voce-e.html>>. Acesso em: 02 abr. 2014.

SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOUZA, L.; TRINDADE, Z.A. (Org). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, K. O. J. A pouca visibilidade da mulher brasileira no tráfico de drogas. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 4, p. 649-657, 2009.

TABORDA, J. G. V.; BINS, H. D. C. Assistência em saúde mental e o sistema prisional no Brasil. **Revista de Psiquiatria (Hospital Júlio de Matos, Portugal)**, v. 21, n. 3, p. 164-170, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Dinâmica: Cores da vida
(Criada pelo grupo)

Materiais: 30 folhas com desenhos que ilustrem atividades do dia-a-dia, giz de cera, grupo sentado em círculo.

Procedimentos: Cada participante recebe uma folha com o desenho e vários gizes de cera. Elas irão pintar somente as figuras que representam o que elas gostam de fazer, ao comando da palavra VIDA elas terão que repassar a folha para pessoa ao lado. OBS: Só é para pintar o que você realmente gosta de fazer. Após as folhas terem passado por todas elas, iremos recolher as gravuras e perceberemos que algumas gravuras estarão mais coloridas que outras e através disso dizer: **VOCÊS JÁ PERCEBERAM QUE O QUE MAIS GOSTAMOS DE FAZER É O QUE DÁ COR AS NOSSAS VIDAS? MAS SERÁ QUE SEMPRE PODEMOS FAZER O QUE GOSTAMOS?**

APÊNDICE 2

Dinâmica: A vida
(Disponível em: <<http://soucatequista.com.br/dinamica-da-vida.html>>.)

Material: Balões coloridos, papéis e caneta.

Preparo: Escrever frases incompletas nos papéis e colocá-los dentro dos balões.

Desenvolvimento: Cada participante receberá um balão. Ao som da música “É preciso saber viver” deverão encher sem estourar. De acordo com o ritmo da música, deverão fazer movimentos com o corpo, utilizando os balões. Quando a música parar, deverão estourar os balões e pegar a frase que estava dentro. Voltando para o círculo, cada um deverá ler a sua frase completando-a... (falando de emoções).

Exemplos de frases:

1. Gosto muito de...
2. Não gosto de...
3. Fico feliz quando...
4. Sinto que estou bem no grupo, quando...
5. Uma das coisas que mais me deixa triste é...
6. Tenho medo de...
7. Nada me irrita mais do que...
8. Sinto saudade de...
9. O amor significa para mim...
10. Minha maior esperança é...
11. Sinto-me envergonhado quando...
12. Quando penso na morte sinto...
13. Para mim, o que existe de mais importante é...

14. Diante de um espelho eu me acho...
15. Se me restasse um ano de vida, eu...
16. A emoção que tenho maior dificuldade de controlar é...
17. Os outros dizem que eu...
18. Diante de uma dificuldade, eu...
19. Se eu pudesse mudar algo na minha vida seria...
20. O que mais gosto em mim...
21. Um lugar especial para mim...
22. Uma pessoa especial para mim...

APÊNDICE 3

Entrevista semiestruturada: perguntas relacionadas aos vídeos.

Cada vídeo será seguido de uma discussão.

A conversa terá como chave as seguintes perguntas: O que vocês acharam da história dessas mulheres que os vídeos mostraram? Algum dos relatos é comum a vocês?

Segue abaixo algumas perguntas que poderão ser utilizadas.

VÍDEO 1 - MULHERES NO COMANDO DO TRÁFICO

(Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=b8WsNKoa1Y>>.)

Perguntas com base nos temas:

Personagem principal, a garçonete cujo filho fica cego por negligência – Tem alguma coisa que vocês deixaram de fazer por alguém que vocês consideram importante durante esse tempo que está aqui?

Dinheiro fácil – O que você faria se lhe oferecessem muito dinheiro para levar um pacote a alguém contendo drogas?

Homem (Marido/companheiro) envolve a mulher no tráfico – Tem alguém que vocês conhecem ou alguém querido no tráfico de drogas?

Presídios lotados – Essas imagens de superlotação dos presídios preocupam vocês?

Arrependimento – Se fosse hoje, tem alguma coisa que você faria diferente?

Sentimento de revolta – Qual o sentimento que vocês mais vivenciam aqui? Por quê?

Um dia na prisão, um dia perdido – O que vocês acham desse tempo todo que vocês passam aqui? Acham que poderiam aproveitar esse tempo de que forma?

Longe de quem você gosta – Tem alguém lá fora que é muito importante que faria vocês mudarem de vida?

Planos para vida futura – Quando sair daqui o que vocês querem fazer?
O Hoje - Se hoje vocês pudessem realizar um desejo, qual seria?

Mudança de vida – Acreditam que existe outra forma de viver lá fora, diferente da que as trouxe aqui?

VÍDEO 2 - MULHERES NO TRÁFICO

(Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SLJvsEbbDEY>>.)

Perguntas com base nos temas:

Dinheiro fácil, alucinação, poder – Vocês seriam capazes de fazer de tudo para ter poder, dinheiro e fama?

Crime atalho para se dar bem na vida – Vocês acreditam que uma pessoa pode se dar bem e ganhar muito dinheiro com o crime?

Prisão: pagar alto preço – Vocês acham que a prisão é um pagamento muito alto? Acreditam que é injusto estar aqui? Vocês acham que haveria outras formas para vocês pagarem pelos seus atos?

Consequências que atingem toda a família – O que a família de vocês pensa sobre tudo isso que está acontecendo? Eles vêm visitá-las?

Escolhas erradas – Vocês acham que a escolha por esse mundo foi errada? Vocês acham que poderiam ter feito diferente?

Viciar filhos dos outros e os seus filhos – O que vocês acham das crianças que estão cada vez mais cedo entrando no mundo das drogas? E se não tivesse tráfico será que eles usariam drogas?

Vida de Privação – O que vocês acham de não poder fazer tudo o que quer e gosta porque está aqui?

Mulher vista como boazinha – Vocês acham que a mulher ainda é vista como boazinha, aquela que cuida da casa e dos filhos?

Filho chora e mãe não vê – Vocês ficam tristes quando pensam que seus filhos podem estar precisando de vocês? E vocês estão aqui impossibilitadas de dar carinho e amor a eles, como a mulher do primeiro vídeo?

Expectativas de futuro – Quando saírem daqui o que pretendem fazer?

VÍDEO 3 - MÃE DESESPERADA ACORRENTA FILHO USUÁRIO DE DROGAS NA ZONA NORTE

(Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yfQ3ksPbAB0>>.)

Perguntas com base nos temas:

A situação dessa mãe (desespero) – Se fosse sua mãe que estivesse nessa situação como vocês se sentiriam? Ou se fosse seu filho que estivesse nesse estado?

Ameaça de morte para família – O que vocês acham de colocar toda a família em perigo? Já imaginou se fossem seus familiares que estivessem nessa situação?

A situação de quem é viciado – O que vocês acham que deveria ser feito com o usuário de drogas? Vocês concordam com a internação? Ou vocês acham que a mãe deve continuar mantendo-o acorrentando para ele não correr o risco de ser morto?

"Eu tinha tudo, hoje não tenho nada" – O que vocês acham quando a mãe diz: “Eu tinha tudo, hoje não tenho nada?”

Morrer na mão de bandido – O que vocês acham daquele que morre na mão do bandido? E se fosse você que mandasse matar?

Quando a droga entra em uma família – O que você acha que acontece com a droga entra em uma família? Só o usuário é afetado?

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

SILVA, Eloína Ariana Ribeiro Damasceno; ARAÚJO, Maria Iracema de Sousa; CASTRO, Thalita Silva de; SILVA, Yramaiane Tomaz da; MOREIRA, Júnnia Maria. Realidade prisional feminina: problemas enfrentados pelas detentas e possibilidades de reinserção social. **Extramuros**, Petrolina-PE, v. 2, n. 1, p. 100-113, jan./jun. 2014. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 5 abr. 2014.

Aceito em: 20 jun. 2014.